



# DE AMICITIA

100 Anos do Grupo dos Amigos  
do Museu Nacional de Arte Antiga



**mnaa**  
Museu Nacional de Arte Antiga



**DE AMICITIA**  
100 Anos do Grupo dos Amigos  
do Museu Nacional de Arte Antiga

8 de Março – 27 de Maio 2012

- 4 **SOBRE A AMIZADE**  
António Filipe Pimentel, Director do Museu Nacional de Arte Antiga
- 8 **APRESENTAÇÃO**  
José Blanco, Presidente do Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga
- 12 **DA ALMA DOS MUSEUS E DA SUA INDISPENSÁVEL SALVAGUARDA**  
Raquel Henriques da Silva
- 22 **O GRUPO DOS AMIGOS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA. FUNDAÇÃO E PRIMEIROS ANOS**  
Joana Baião
- 40 **100 ANOS AO SERVIÇO DO MUSEU**  
Celina Bastos
- 64 **OBRAS EM EXPOSIÇÃO**
- 82 **BIBLIOGRAFIA**

# SOBRE A AMIZADE

António Filipe Pimentel



**A** O ESCREVER desiludido dos avatares da vida pública, a sua reflexão sobre a amizade (*De amicitia*), Cícero reconhecia nela um dos mais valiosos dons que os deuses haviam concedido à Humanidade: nele encontrando o penhor da sua própria reconciliação com a condição humana. Hoje como então e pelos séculos dos séculos – enquanto os valores do Humanismo rodearem a própria condição humana – a Amizade persiste e persistirá configurando-se como âncora inestimável de toda a existência, como bem maior que acompanha, em cada um, o percurso da vida e como refúgio último do desencantamento que fatalmente a envolve, tanto maior, seguro é, quanto mais longa for. Não por acaso, pois, os verdadeiros amigos são os únicos que não demandam a nossa perfeição, antes nos amam como somos e pelo que somos, rejubilando ou sofrendo em acordo e sintonia com o nosso próprio ciclo individual. Não por acaso as grandes amizades se temperam, em regra, na idade juvenil, quando a entrega é generosa e inteira e tudo promete durar por toda a vida.

Assim, José de Figueiredo, ao promover, em 1911, a reconfiguração do antigo Museu de Belas-Artes e Arqueologia, fundado em 1884, no novo Museu Nacional de Arte Antiga, e ao estabelecer-lhe a vocação que, cem anos depois, ainda globalmente conserva, ideou fazê-lo acompanhar de um Grupo de Amigos que amparasse a sua existência: um círculo de afecto e solidariedade, que fizesse missão sua a da própria instituição e que sentisse como seus os problemas do museu, empenhando-se, como coisa própria, em auxiliá-lo na sua solução: das matérias prosaicas, de índole material e técnica, ao enriquecimento e valorização do acervo, a medula, justamente, da sua missão primordial. E, tratando-se do primeiro museu nacional,

idealizou agregar nesse cenáculo o círculo cimeiro da sociedade portuguesa de então: na inteligência, na cultura, no poder.

Olhando agora para trás, com a distância que 100 anos proporcionam, pode dizer-se que, genericamente, conseguiu fundar nesse modelo a pedra fundamental do Grupo dos Amigos do Museu, lançada logo no ano imediato de 1912 – com isso sedimentando a ideia basilar de ser um decorrência natural da existência do outro: como é próprio da amizade. Na avaliação retrospectiva que impõe a elementarmente justa comemoração centenária a que agora se procede, forçoso é reconhecer o contributo dos Amigos na vida do museu: nos mais variados níveis de acção, do provimento das necessidades, não raro elementares, à oferta generosa de obras ou ao estabelecimento de legados e ao próprio enriquecimento do seu arquivo e biblioteca, sempre em benefício do museu de que se era Amigo: numa relação fluida e informal (como entre amigos sucede), onde, no dom individual, a condição de membro dessa agremiação prestigiosa (o «Grupo dos Amigos», hoje geralmente conhecido como GAMNAA) e a solidariedade com os seus interesses que nela se consigna, sempre revela, explícita ou implicitamente, o desejo de contribuir para o bem comum: o museu que é de todos e do qual, muito especialmente, se é «amigo».

Cem anos volvidos, neste século XXI que ante nós se desdobra em plena convulsão de paradigmas, é, decerto, o próprio museu que se projecta num paradigma novo, que, por seu turno, convoca necessariamente os seus Amigos a uma adaptação aos novos desafios. Junto ao dever incontornável de projectar no novo tempo a instituição que José de Figueiredo reformulou

(sem enjeitar a herança histórica de que emerge), pede-se-lhe hoje uma presença activa na vida cultural do país onde constitui referência central e de cuja herança patrimonial configura o mais precioso escrínio, ao mesmo tempo que se lhe pede, também, um contributo mais ousado e dinâmico na construção do Portugal de hoje, não somente no domínio representativo como ainda no demonstrativo, assumindo um papel de primeiro plano na sua necessária afirmação internacional. A par, espera-se que igualmente trabalhe no domínio da sua própria sustentabilidade, assente numa pedagogia alicerçada na compreensão democrática de pertença e responsabilidade em relação ao museu enquanto acervo e enquanto missão.

Mais do que nunca, pois, o museu necessita do círculo de afecto proporcionado pelos Amigos; e mais do que nunca necessita de que estes sejam, como quis José de Figueiredo, o anel central da sociedade portuguesa: na inteligência, na cultura, no poder. Como deve ser em serviço do primeiro museu de Portugal. Cumprido um século sobre a sua fundação, essa mesma visão retrospectiva constitui o melhor penhor de que, no novo ciclo que se abre à sua frente, o seu passado ilustre, a cada dia convocado, florescerá em nova juventude.

# FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO  
**COMISSARIADO  
E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA**  
Celina Bastos

**INVESTIGAÇÃO**  
Celina Bastos  
com a colaboração de:  
Patrícia Milhanas Machado, bolsa FCT  
Andreia Novo, bolsa FCT  
Carlos Pires dos Santos, voluntariado MNA  
Ema Ramalheira Rocha, bolsa FCT  
Fernanda Bento, voluntariado MNA  
Hugo d' Araújo, bolsista FCT  
Isabel Moita, voluntariado MNA  
Luís Montalvão  
Sónia Brochado, bolsa FCT

**MONTAGEM**  
Anísio Franco e  
Teresa Pacheco Pereira, coordenação  
Museu Nacional de Arte Antiga

**DESIGN DE COMUNICAÇÃO**  
FBA. /Sandra Afonso

CATÁLOGO  
**COORDENAÇÃO EDITORIAL**  
Ana de Castro Henriques

**TEXTOS**  
António Filipe Pimentel  
Celina Bastos  
Joana Baião (Instituto de História da Arte,  
FCSH-UNL)  
José Blanco  
Raquel Henriques da Silva

**FICHAS DAS OBRAS  
EM EXPOSIÇÃO**  
Alexandra Reis Gomes Markl (ARGM)  
Ana de Castro Henriques (ACH)  
Anísio Franco (AF)  
José Alberto Seabra Carvalho (JASC)  
Joaquim Oliveira Caetano (JOC)  
Luisa Penalva (LP)  
Mária da Conceição Borges de Sousa (MCBS)  
Rui André Alves Trindade (RT)

**APOIO TÉCNICO**  
Ana Filipa Sousa  
Ramiro Gonçalves

## FOTOGRAFIA

Arquivo GAMNAA: figs. 4-7, 14

Arquivo MNAA: figs. 2, 13

Cortesia Conceição Ribeiro: fig. 11

DDF/IMC:

Carlos Monteiro – cat. 2

Giorgio Bordino – cat. 15

José Pessoa – figs. 1, 15 e cat. 1, 3, 6, 7, 13, 14, 18, 19, 22

Luís Piorro – figs. 9, 10 e cat. 12, 20, 21

Luisa Oliveira – figs. 3, 8 e cat. 4, 5, 8-11, 16, 17

## DESIGN

FBA. /Sandra Afonso

## ISBN

978-972-776-445-7

## DEPÓSITO LEGAL

???

## TIRAGEM

500 exemplares

## IMPRESSÃO E ACABAMENTO

A. Coelho Dias, S. A.

## AGRADECIMENTOS

Conceição Ribeiro

Diogo Lino Pimentel

Tiago Miranda

Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga, particularmente:

Helena Geraldès

Helena Guimarães

José Blanco

Viviane Mendes Leal